

ARTIGOS



Provocações da Nudez Masculina na Arte Contemporânea

A Desestabilidade do Ideal Masculino

William da SILVA, *Universidade Federal de Santa Maria*

O presente estudo aborda a apresentação da nudez masculina na arte contemporânea do Rio Grande do Sul a partir da produção artística dos anos 80 e sua manifestação e desdobramentos na atualidade. Analisam-se expressões artísticas de Alfredo Nicolaiewisky e Alexandre Copês que exploram homoerotismos como fluxo contrário à apresentação de masculinidades em arte gênero e sexualidades. Utilizam-se os estudos culturais propostos por Douglas Crimp (1998) junto da abordagem sobre a construção da masculinidade de Daniel Welzer Lang (2001) para a problematização do tema no âmbito cultural e a relação das subjetivações frente às imposições heteronormativas.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Contemporânea. Nudez Masculina. Heteronormatividade. Masculinidades.



A heteronormatividade ainda permanece como parâmetro nas relações da cultura com a sociedade. A existência simbólica desta dominação, aparece nas diferentes manifestações que privilegiam o ideário masculino atribuído às funções nobres, de valor ou superioridade nas narrativas sociais. Esta visão que surge com as ideias essencialistas/biológicas das diferenças de gênero, é reforçada constantemente, pela exacerbação da masculinidade e seus elementos mais notáveis. Para isso é necessária a manutenção destas peças que constroem o corpo e o imaginário do homem com seus desejos, gostos e condutas estabelecidos conforme as regras da ordem e da normalidade.

A imagem do corpo como objeto de percepção e admiração, atua como veículo estético que dialoga as manifestações artísticas e culturais historicamente. No entanto, o corpo masculino nu, como objeto referencial na figuração artística, sugere uma problematização a partir das relações de aceitação ou recusa nos parâmetros de cultura e relacionamento com a obra de arte e seu público. Uma abordagem acerca desta temática propõe aqui outras interpretações, apresentações e formas de ver e sentir associadas à crítica do modo de produção de significados e sua difusão em meio aos discursos reguladores das práticas sexuais. Tendo como foco a construção da masculinidade formatada sob o domínio heterossexista, busca-se a compreensão das transgressões nas visualidades artísticas que contribuem para desestabilizar as políticas e imposições da heteronormatividade para ressignificações das imagens.

A construção de um imaginário e estética da masculinidade é firmada através da ideia dicotômica das relações sociais do sexo, segundo Daniel Welzer Lang (2001). Os sistemas simbólicos que conferem estas atribuições destacam o masculino pela dominação social do gênero reforçadas pela reprodução de violências e poder sobre os indivíduos não regimentados, os outros, os não homens. O autor atenta para o paradigma heterossexista que

[...] define, por um lado, a superioridade masculina sobre as mulheres e, por outro lado, normatiza o que deve ser a sexualidade masculina e produz uma norma política andro-heterocentrada e homofóbica que nos diz o que deve ser o verdadeiro homem, o homem normal. Este homem viril na apresentação pessoal e em suas práticas, logo não afeminado, ativo, dominante, pode aspirar a privilégios do gênero. Os outros, aqueles que se distinguem por uma razão ou outra, por sua aparência, ou por seus gostos sexuais por outros homens, representam uma forma de não-submissão ao gênero, à normatividade



heterossexual, à doxa do sexo e são simbolicamente excluídos do grupo dos homens, por pertencerem aos “outros”, ao grupo dos dominados/as (p.468)

Nota-se que a identidade da masculinidade enquanto construção social, discursiva e tecnológica busca atender a uma imagem viril que contenha todos os valores e comportamentos, utilizados na esfera do coletivo social. O caráter de pertencimento ao meio de socialização do masculino é adquirido conforme o culto às regras da heteronormatividade que lhe conferem o status de domínio. É notável que estas relações de gênero e sexualidades, além de imporem hierarquias, provocam divisões e violências culturais que pretendem enfatizar o lugar do dominante e do dominado. Por outro lado, existem grupos opositivos que incorporam resistências e promovem a reavaliação dos espaços e privilégios, questionando as regulações, as normas e convenções.

A produção de arte na contemporaneidade, muitas vezes, estabelece aproximações com políticas sociais na manifestação de processos que associam vivências e saberes artístico-pessoais como mote para elaboração de discursos visuais em que vida e obra se comunicam. Estas pesquisas artísticas articulam posicionamentos contrários aos estados de conservadorismo e propõem novas estéticas, orientadas por experiências marginalizadas que compartilham situações e cotidianos comuns de pulsões e desejos. As imagens que os/as artistas apresentam se tornam, portanto, disparadoras de significações que constituem imaginários nos relacionamentos de si e entre si. Marco Gianotti salienta que “uma vez que entramos em sua perspectiva, somos forçados a olhar o mundo com seus olhos” (2009, p.15) e a obra, portanto, passa a materializar as subjetivações que residem no corpo do artista e são lançadas ao mundo. Neste âmbito, a presença da nudez masculina na arte contemporânea torna evidente os aspectos de vivência e sensações compartilhadas, através da intencionalidade que propõem afetar, artisticamente, outros corpos espectadores através da imagem.

A arte contemporânea no Rio Grande do Sul, sobretudo na década de 80, abordou por parte de alguns artistas, a temática do universo masculino como figuração erótica, apresentando um forte cunho autorreferencial nos trabalhos de artistas como Alfredo Nicolaiewisky e Mario Röhnelt, por exemplo, que fizeram uso de registros pessoais para a elaboração de obras voltadas para contextos intimistas de suas sexualidades, como material para produção poética.



As obras deste período contribuem para dar visibilidade social aos grupos sexuais que vivenciavam as censuras político-culturais do momento, em que a exploração desta temática ainda ocupava um espaço de clandestinidade. Acredito que funcionaram como uma espécie de narrativa documental de sexualidades dissidentes que abriram possibilidades de trânsito para a apresentação do corpo masculino nu como motivo, objeto de desejo e veículo de significações. Pois o questionamento destacado por esta produção artística desvelou as corporeidades enquanto subjetivações existentes, apesar de ofuscadas na cultura local, realizando provocações referentes às censuras do corpo inseridos no meio social gaúcho. Desenhos e aquarelas de Alfredo Nicolaiewsky, datados entre 1983 e 1984 apresentam um viés de insulto e ironia desconcertante, ao contrapor a representação de um ambiente doméstico, aparentemente familiar e uma imagem que enfoca um torso masculino seminu demonstrando sua erotização e insinuando um convite. A obra expõe uma abertura entre dois mundos, sendo um da ordem da intimidade domiciliar e o outro da esfera das sexualidades e do desejo, muitas vezes reservado aos espaços privados ou não vistos. De maneira provocativa, a convivência destas imagens problematiza a identidade da masculinidade através do desejo homoerótico. Referindo-se a estas obras, Maria Lúcia Bastos Kern (1995) diz que o artista destaca

a questão da repressão sexual, quando cria a oposição corpo-sexo oposto ou escondido/sugerido – e ambiente: papel de parede e objetos decorativos do cotidiano. Percebe-se tanto o enfoque do corpo enquanto imaginário e indivíduo, quanto entre social que sofre as limitações e agressões de teor moralizante de seu meio (p 36)

Lado a lado, o recorte da mão masculina que adentra a região do sexo e a imagem Kitsch de uma parede colorida que remete à organização de um espaço de calma e estabilidade familiar tradicional, promovem uma tensão. Como se a união destas ambientações, aparentemente distintas, não pudessem coexistir publicamente. Talvez o embate provocado pela erotização exposta, seja pelo fato de escapar das representações comuns, objetivadas somente na figura feminina naturalizada como tema de tradição (e maior aceitação) na história da arte e sobretudo na arte local. Nicolaiewsky traz à tona uma produção das imagens relegadas e veladas socialmente. Imagens estas que parecem desconfigurar uma identidade regional, na figura heteronormativa naturalizada no estado do Rio Grande do Sul. Neste sentido, a dissidência destas imagens aos imperativos da cultura local,

atribui resistência que desestabiliza e questiona a cristalização das reputações vinculadas a identidade construída do homem almejado.

Figura 01: Alfredo Nicolaiewisky. Sem título. 1983. Lápis de cor e aquarela sobre papel. 1000x70cm



Pensando esta obra a partir de seu contexto, de imediato, surgirá referência às manifestações de sexualidades e seus desdobramentos no âmbito político e de sociedade daquela década. Um clamor por visibilidade se faz na necessidade de chamar a atenção para as discussões que envolvem uma comunidade gay marginal e estigmatizada. A arte se torna, portanto, instrumento e mídia reivindicatória que abriga “a marginalização social – principalmente os referentes à identidade sexual e de gênero, trazidas à baila, em partes pelo desencadear da AIDS” conforme salienta Michel Archer (2001, p.217). Estas propostas se constituem, substancialmente, enquanto veículo de exploração para outros caminhos que não aqueles hegemônicos, que desenvolvem suas críticas acerca de comportamentos normatizados ao mesmo tempo em que questionam os imaginários do corpo institucionalizados da arte, em consonância com os sistemas de cultura dominante.

Douglas Crimp (1998) apresenta seus estudos culturais que contribuem para (re)pensar o fomento (ou invisibilidade) de determinadas imagens na construção de contextos políticos, sociais e

artísticos e as relações que os sujeitos podem estabelecer através de suas subjetivações vinculadas à identificação com as imagens. De modo a perceber que a arte se relaciona com imaginários e sociedade, Crimp afirma que se “definem como especialmente políticos, reconhecendo, que a política é o espaço em si da contestação” e que “o sujeito do discurso não pode estar isento das questões de historicidade, do ego e do outro, que são levantadas pela própria teoria da subjetividade”(p.85) nos modos de se perceber culturalmente.

Tendo em vista que as significações sociais são, em grande parte, dominadas pela naturalização da figura do homem hétero, as abordagens atuais da nudez masculina na arte contemporânea gaúcha, realizam transgressões contundentes aos modelos de sexualidades e do masculino. Através da explicitação e contestação política gay, estas expressões ganham espaço para exercer perversões visuais e desvios de conduta contrários aos ideais de virilidade, cultuado pela heteronormatividade. As obras de Alexandre Copês, por exemplo, transformam a passividade das relações do sexo entre homens, em protagonismo de novos olhares acerca das socializações homoeróticas na arte. Confrontam diretamente a formatação do corpo dominante e ativo, tão caro aos padrões de masculinidade.

Figura 02: Copês. Campos de Cuidado (detalhe), Fotogaleria Virgílio Calegari, Casa de Cultura Mario Quintana Porto Alegre/RS. 2015





Não há nada de insinuação na apresentação destas imagens, tampouco discrição ou timidez. Mais próximas do caráter pornográfico, elas substituem as insinuações homoafetivas por posicionamentos que insistem no insulto a exaltação sexual entre homens, e coloca em dúvida a unicidade do modelo masculinizado. Confrontam diretamente a homofobia através dos efeitos de contestação dos grupos sexuais que não obedecem a heterossexualidade. A transição da sensualidade homoerótica para sua explicitação da imagem do sexo, também, se distancia da heteronormatividade.

Afonso Medeiros (2008) diz que entre o erótico e o obsceno “existe uma lei não escrita (também no campo da arte)”(p.29) que separa as imagens entre aceitas e não aceitas conforme uma inclinação do bom gosto hegemônico. A apresentação dos atos sexuais retratados nestes desenhos expressa a nudez masculina “extrapolando as fronteiras do erótico, afronta os valores/pudores vigentes e conjuga a sexualidade com a impureza e a desonestidade” (ibid) negligenciando os costumes, os valores e os ideais que constituem culturalmente o corpo e os desejos do masculino limitados conforme a orientação das dicotomias de gênero enquanto parâmetros naturalizados pelos discursos disciplinares das relações de poder.

As obras de Alfredo Nicolaiewisky e Alexandre Copês destacam, portanto, um fluxo contrário à masculinização dos costumes, que reforçam identidades que cultivam fobia àqueles que não encarnam e reproduzem estereótipos do modelo macho. A não submissão a este formato estabelecido se torna política no sentido de transformação de dominação cultural do gênero e suas representações simbólicas. Assim apresentam a diversidade de sujeitos que se situam na contracultura, nos submundos e nas rotas alternativas do transito civilizatório.

Considerações finais

No âmbito em que as imagens podem abarcar registros de cultura arraigados no imaginário coletivo, estabelecendo uma relação de meio e finalidade dentro das redes de discursos, o corpo como símbolo gerencia percepções. Relaciona comportamentos e condutas na problemática das dimensões transdisciplinares em que a importância de estabelecer um paralelo entre corpo e atuação para experimentações visuais, potencializa uma (re)invenção dos sentidos que balizam as



enunciações de poéticas artísticas, de interpretações e de novas percepções na contemporaneidade.

Os desempenhos artísticos marginais, inclinados para contextos que sugerem desvios, se faz necessário para revisar e flexibilizar as transformações das relações interpessoais. No tocante dos comportamentos coletivos, explicitados por meio da plataforma artística. O desejo apresenta movimentações que dialogam (ou irrompem) com espaços firmados por convenções. Através destes recursos poéticos com potencialidades para desconfigurar padrões e sublinhar as dissidências, o desvio da nudez masculina pode contribuir para o cultivo de novos espaços nas relações estabelecidas entre corpo e sociedade, que avançam nas discussões referentes às políticas coletivas das sexualidades e suas manifestações de afeto, da maneira mais plural possível.

Referências

ARRUDA, Paula Truzt **Pregnâncias da autorreferencialidade: a produção de Mario Röhnelt nos anos 80.** 2014

BRITES, Blanca, Nicolaiewisky, Alfredo, et al. Org. **Alfredo Nicolaiewisky: Desenhos e Pinturas.** Ed. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS. 1999

CRIMP, Douglas. **Estudos Culturais, cultura visual.** REVISTA USP, São Paulo, n.40, p. 78-85, dezembro/fevereiro 1998-99.

GIANOTTI, Marco. **Breve historia da pintura contemporânea/** Marco Gianotti – São Paulo: Claridade, 2009.

BASTOS KERN, María Lúcia. CATANNI, Icleia Borsa, et al. Org. **Espaços do corpo: aspectos das artes visuais no Rio Grande do Sul,** 1977/1985 Editora da Universidade/ UFRGS

MEDEIROS, Afonso. **O imaginário do corpo entre o erótico e o obsceno. Fronteiras líquidas da pornografia** Raimundo Martins (ed) Goiânia FUNAPE 2008. 1v.

WELZER LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia** Periódicos UFSC v.9, n.2 2001.

**William da SILVA**

Artista, pesquisador, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UFSM, integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório de Arte e Subjetividades LASUB/UFSM.